



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
<http://ageconsearch.umn.edu>
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DO RURAL: CENÁRIOS NATURAIS E ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS COMO TERAPIAS

NÁDIA BOLZAN SOARES; ANA LUÍSA BORBA GEDIEL; JOSÉ MARCOS FROELICH;

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

SANTA MARIA - RS - BRASIL

nbolzans@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Agricultura Familiar e Ruralidade

As Múltiplas Funções do Rural: cenários naturais e atividades agropecuárias como terapias

Grupo de Pesquisa: Agricultura Familiar e Ruralidade.

Resumo

A presente pesquisa aborda a perspectiva das múltiplas funções do espaço rural e da agricultura, investigando a amplitude da noção de multifuncionalidade com foco empírico no estudo das práticas terapêuticas que se utilizam dos espaços rurais e de atividades agropecuárias na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Os objetivos da pesquisa foram identificar, descrever, classificar e caracterizar estas diferentes modalidades de terapias, buscando averiguar os sentidos que os profissionais, bem como, o público envolvido atribuem às suas práticas terapêuticas baseadas em atividades agropecuárias e/ou junto aos espaços rurais. Os principais métodos e técnicas de investigação utilizados foram o questionário, a observação participante, as entrevistas semi-estruturadas e a análise de discurso. No conjunto dos 35 municípios da região central do Rio Grande do Sul investigados foram identificados nove estabelecimentos, localizados em sete municípios diferentes, que desenvolviam algum tipo de terapia com base em atividades agropecuárias e atributos dos espaços rurais. Os nove estabelecimentos foram classificados em três modalidades diferentes de práticas terapêuticas, sendo elas: Comunidades Terapêuticas para a reabilitação e reinserção social de pessoas dependentes de substâncias psicoativas; Centros de Equoterapia, voltados ao atendimento de pessoas com necessidades especiais e/ou problemas físicos e motores, com o propósito de educação, reabilitação e melhora na qualidade de vida dos praticantes e Terapias de Energização, voltada a um público amplo, com a intenção de proporcionar o descanso físico e mental dos visitantes através de práticas esotéricas e contato direto com a natureza. Os sentidos para o uso de atividades agropecuárias e do espaço rural para práticas terapêuticas



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



vinculam-se a elementos ligados à internalização da disciplina por meio do trabalho manual, localização distante das tentações do vício, à religião e o seu sistema de crenças e aos atributos positivos e idealizados da natureza, como os espaços abertos e verdes, os animais, a paisagem e o ciclo de vida das plantas, que constituem um imaginário de tranquilidade, saúde e bem-estar.

Palavras-chaves: multifuncionalidade da agricultura; espaço rural; práticas terapêuticas; terapias alternativas.

Abstract

The present research approaches the perspective of the multiple functions of the rural space and the agricultural, investigating the amplitude of the notion of multifunctionality with empirical focus in the study of the therapeutical practices which use the rural spaces and farming activities in the central region of the Rio Grande do Sul. The research objectives had been to identify, to describe, to classify and to characterize these different modalities of therapies, aiming identify the directions that the involved professionals and public gives to this therapeutical practice based on farming activities and for to the rural spaces. The principal methods and inquiring techniques, which had been used, were questionnaire, the participant observation, the half-structured interview and the analysis of speech. In the set of the thirty- five cities of the investigated central region of Rio Grande do Sul it had been identified nine establishments, located in seven different districts, which develop farming activities on/or to the basis of agricultural spaces. The nine establishments had been classified in three different modalities of therapeutical practice, being they: Therapeutical communities for the rehabilitation and social reiteration of the psychoactive substance addicted; Centers of Equotherapy, taking care of special people with disabilities and/or physical and motor problems, with the intention of education, rehabilitation and the quality of life improvement of the practitioners and Energization Therapys, directed to a large public, with the intention of provide the physical and mental rest to the visitors through 'out an esoteric practice and the straight contact with the nature. Agricultural activities and rural space linked with therapeutical practice needs the internalization of the discipline by working manually, in a place far from addiction and tentation, the religion must be present as well as the positive attributes of nature with its green areas, animals, landscapes and the plant cycle life which bring serenity, health and welfare.

Key Words: rural multifunctionality; rural space; therapeutical practices; alternative therapies.

1. Multifuncionalidade do espaço rural

O desenvolvimento dos territórios rurais passa, atualmente, pela capacidade de seus atores de atraírem atividades econômicas e interesses sociais para além da produção agroalimentar, o que aponta para novos sentidos sociais da ruralidade.

A noção de multifuncionalidade busca reconhecer que o rural não se restringe à produção de matéria-prima e alimentos, à liberação de mão-de-obra para as atividades urbanas e à transferência de capital para os outros setores da economia, mas, também, destacar suas outras funções, tais como a social, a ambiental, a patrimonial, a estética e a recreativa/pedagógica (Almeida & Souza, 2003). Tal noção de multifuncionalidade vem sendo discutida desde a década de 90 no Brasil, onde se busca novos referenciais para os espaços rurais além do modelo tradicional baseado na agricultura e na pecuária. Trata-se de



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



uma visão mais abrangente do rural, a qual pode proporcionar novos caminhos de desenvolvimento, sem a degradação do meio ambiente e dos recursos naturais.

Esta perspectiva está vinculada a uma percepção diferenciada que crescentes parcelas da população vem adquirindo sobre o papel social do rural, e que deriva de uma mudança cultural e de valores sociais vinculados a demandas ecológicas e a busca da natureza. O rural vem se tornando espaço alternativo para diversas categorias sociais de origem urbana, pois o desenvolvimento dos espaços rurais nas sociedades modernas dependerá, além da agricultura, da capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais, e de realizar uma profunda ressignificação de suas próprias funções sociais (Wanderley, 2000).

A relação do espaço rural com a natureza está interligada às novas visões sobre o rural e a valorização de seus recursos, representando um espaço de múltiplas funções ambientais e territoriais. Esta função identitária adquirida pelo rural constitui-se através da percepção adquirida por diversos segmentos da população sobre o campo, este como símbolo de saúde, tranquilidade, descanso, liberdade, beleza e bem estar (Froehlich e Monteiro, 2004).

Conforme Almeida & Souza (2003), a multifuncionalidade atribui ao campo funções que outrora eram consideradas exclusivas da cidade, como por exemplo, o turismo. A demanda crescente por espaços de lazer e bem-estar possibilita o surgimento de uma gama de novas atividades e serviços no rural, como os hotéis-fazenda, pesque-pagues, colônias de férias, esportes radicais, ecoturismo, entre outras. Este mesmo contexto, que está sendo forjado atualmente, é o que possibilita haver a crescente busca e oferta de atividades de turismo, esportes, lazer e de promoção de bem-estar no rural, atribuindo a este novas funções. No entanto, dentre as múltiplas funções que tem sido atribuídas e estudadas sobre o rural atualmente, pouca atenção tem sido dada a uma em particular: a utilização de espaços rurais e/ou de atividades agropecuárias na prática terapêutica. Neste sentido, investigar a amplitude da noção de multifuncionalidade e seus sentidos particulares relacionados com determinados grupos sociais é o foco deste trabalho que desdobra-se empiricamente no estudo das práticas terapêuticas que se utilizam dos espaços rurais e de atividades agropecuárias na região central do RS.

2. Reflexões sobre o Rural Contemporâneo

Levando em conta a reflexão sobre as concepções abordadas no decorrer da história, o meio rural vem sofrendo um amplo processo de transformações, onde a denominação de multifuncionalidade se faz presente por diferentes usos e funções que o espaço rural vem assumindo contemporaneamente.

As novas atividades no meio rural contribuem para criar uma diversidade social e cultural, que é de uma condição da existência da sociedade, ampliando a rede de relações. A heterogeneidade social, cultural e econômica é definida a partir de conflitos de interesse, com capacidades de negociações distintas. O recorte rural-urbano, em suas formas atuais, permanece como favorável a análise das diferenças espaciais e sociais em sociedades modernas, apontando para a emergência de uma nova ruralidade.

De uma maneira ou de outra, uma sociedade nova está nascendo de nossa sociedade técnica. Fim dos camponeses (tradicional), sim, certamente; mas não a morte do campo e a generalização dos subúrbios. O desaparecimento do fosso cavado entre citadinos e rurais pode e deve comportar soluções que respeitem certos traços do



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



meio natural e humano de cada região; ela desemboca em uma nova arte de viver (Juillard apud Wanderley, 2000, p.90).

Ainda hoje, o mundo rural brasileiro vive sob o enfoque de mitos como: o rural é sinônimo de atraso, o rural é sinônimo de agrícola, o êxodo rural é inexorável, o desenvolvimento agrícola leva ao desenvolvimento rural, a gestão das pequenas e médias propriedades rurais é essencialmente familiar, entre outras (Graziano da Silva, 2002). O rural torna-se alternativo para outras categorias sociais de origem urbana, pois o desenvolvimento dos espaços rurais nas sociedades modernas dependerá além da agricultura, da capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais, e de realizar uma profunda ressignificação de suas próprias funções sociais (Wanderley, 2000).

Desta forma, o rural pode passar a ser visto como valor indispensável ao futuro da sociedade, dispondo-se a consagrar recursos necessários, ao mesmo tempo em que as pessoas que vivem no rural passam a assumir novas funções sociais, precisamente como mediadores entre a sociedade global e os espaços rurais (Wanderley, 2000). O espaço rural, com suas novas e modernas formas, permanece como um recorte propício à análise das diferenças espaciais e sociais das sociedades modernas, apontando não para o fim do mundo rural, mas para a emergência de uma nova ruralidade. Podemos destacar que o espaço rural brasileiro tende a adquirir novas formas de produção, através de meios alternativos, como um espaço de lazer, o contato com a natureza, ou até mesmo como opção de moradia.

Sendo assim, a construção de novos sentidos para o rural é que tem possibilitado as transformações empíricas que podem ser ali inventariadas atualmente, e esta produção de novos sentidos parece forjar-se ao mesmo tempo nas transformações internas do rural bem como naquelas processadas na sociedade global. E, deste modo, a questão ambiental, tão premente em nossa época e indissociada de uma noção de natureza, passa a rebater nas possibilidades e nas formas como o rural passa a ser construído socialmente (Froehlich, 2002, p.14).

A relação do espaço rural com a natureza está interligada às novas visões sobre o rural e a valorização de seus recursos, representando um espaço de múltiplas funções ambientais e territoriais. Esta função identitária adquirida pelo rural constitui-se através da percepção adquirida por diversos segmentos da população sobre o campo, este como símbolo de saúde, liberdade, beleza e bem estar.

Não temos dúvidas de que tais visões e representações sobre o ambiente e o espaço rural se podem traduzir na abertura de novas janelas de observação dos recursos dos campos, que poderão levar à identificação de potencialidades e oportunidades e à concretização de idéias e projetos de desenvolvimento. Na verdade, quando hoje falamos de tais recursos assumimos uma base bem ampla de possibilidades e imaginamos um amplo espectro de elementos, que inclui antigos, atuais e novos produtos agrícolas e agroindustriais (alimentares e não-alimentares), paisagem, fauna, flora, águas minero-medicinais, artesanato, parques e reservas naturais, entre outros (Cristóvão, 2000, p.48).

Em estudo que buscou identificar os sentidos atribuídos à palavra *rural* por diversos segmentos urbanos de Santa Maria, principal cidade da região central do RS, Froehlich e Monteiro (2004) constataram a elaboração de blocos semânticos que associam fortemente o



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



rural com *elementos naturais* (natureza; ar puro; animais; árvores etc.) e destes com atributos positivados e demandados como tranqüilidade, sossego, paz, descanso, silêncio, etc. O imaginário sobre o rural o vê como refrigério das turbulências urbanas justamente porque o associa a uma natureza idealizada como tendo propriedades repousantes, acolhedoras e saudáveis.

Este mesmo imaginário que está sendo forjado atualmente é o que possibilita que haja a crescente busca e oferta de atividades de turismo, esportes, lazer e de promoção de bem estar no rural, atribuindo a este novas funções. No entanto, dentre as múltiplas funções que tem sido atribuídas e estudadas sobre o rural, atualmente, pouca atenção tem sido dada a uma em particular: a utilização de espaços rurais e/ou de atividades agropecuárias na prática terapêutica.

Dentre várias funções que o rural têm passado a desempenhar atualmente, destaca-se o patrimônio natural, o turismo e o lazer, que atraem um público citadino para o campo, (re)descobrimo-o como um local de descanso nas férias ou nos finais de semana. Muitas pessoas têm procurado os pesque-pagues, a prática dos esportes radicais, os hotéis-fazenda, as colônias de férias, buscando amenizar o modo de vida moderno, urbano e estressante, através do contato com a natureza, para obter descanso físico e mental fora das agitações cotidianas. Mas, têm sido recorrentes, notícias e relatos que dão conta de um uso terapêutico dos atributos do espaço rural e/ou de algumas atividades agropecuárias. Os empreendimentos denominados *pesqueiros* ou *pesque-pagues* têm tido um notável crescimento nos últimos anos. Conforme Graziano da Silva *et alii* (2000, p.45):

Um tipo bastante difundido e econômico de pesca acontece nos pesque-pague. Existem hoje no país mais de 2.200 instalações desse tipo. Embora a legislação exija que todo clube, federação, pousada, hotel ou operadora de turismo que ofereça pesca amadora tenha registro no Ibama, na realidade, isso pouco acontece. Assim, acredita-se que apenas 0,1% dos pesque-pagues existentes estejam registrados.

Estes estabelecimentos buscam atender a uma demanda particular de lazer de amplos segmentos da classe média urbana e em geral se localizam em propriedades rurais de fácil acesso e não muito distantes dos centros urbanos, embora não sejam tão raras as exceções. O crescimento da pesca como atividade de lazer, principal demanda que sustenta os pesque-pagues, relaciona-se com a busca de alternativas contemporâneas para amenizar as “turbulências” físicas e mentais do que é considerado o modo de vida “moderno” e urbano, ou seja, atribulado, nervoso, estressante, e que faz as pessoas ocuparem quase todo o seu tempo com preocupações de ordem diversa: dinheiro, trabalho, violência, insegurança, miséria, trânsito; necessitando, portanto, de um refrigério, mesmo que temporário. Mas o mais particular sentido produzido, talvez, seja o de uma peculiar ‘terapia’, capaz de manter a saúde dos que a praticam em boas condições. A difusão deste especial sentido pode muito bem ser percebida nos *slogans* veiculados em adesivos patrocinados e distribuídos gratuitamente por lojas do ramo na região central do RS. Conforme o estudo de Froehlich (2002), estes adesivos têm feito grande sucesso e circulam com destaque em grande número de veículos em Santa Maria e região, configurando-se quase como uma verdadeira ‘campanha’ de divulgação da pesca como uma espécie de “terapia”.

Dentre as terapias alternativas, a equoterapia é uma das que mais têm tido destaque recentemente. É uma terapia cujo método utiliza o cavalo como instrumento de trabalho,



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

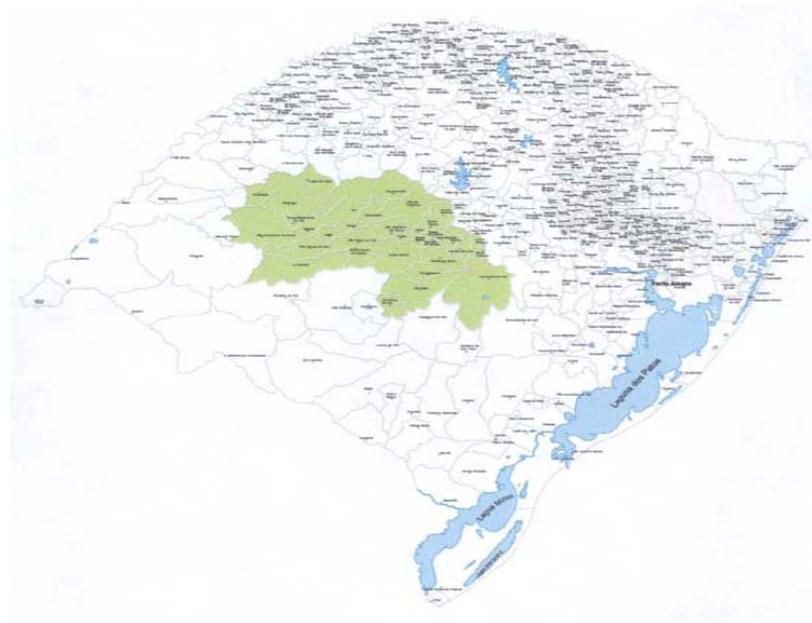


envolvendo profissionais das áreas de saúde e educação. Utilizar diferentes técnicas com a finalidade de melhorar a função postural, estimular reações de alinhamento do corpo, descontrair todos os músculos, prevenir ou tratar as retrações dos mesmos, organizar o esquema espaço-temporal e permitir a coordenação e a dissociação dos movimentos. A equoterapia é utilizada, especificamente, para portadores de necessidades especiais e pessoas em recuperações de moléstias, apresentando bons resultados no desenvolvimento motor e cognitivo dos pacientes (Brito, 2000).

3. Área de abrangência do estudo e procedimentos metodológicos

A coleta de dados abrange os municípios que compõem o chamado Conselho Regional de Desenvolvimento - Centro (COREDE-Centro) do Rio Grande do Sul. Nossa pesquisa situa-se, inicialmente, na amplitude geral dos municípios que compõem o conselho, e posteriormente, afunila-se apenas naqueles em que existem práticas terapêuticas em territórios rurais.

A área total de abrangência da região COREDE-Central é de 32.752,53 Km², o que representa 3,32% da área total do estado do RS. Sua população total, segundo levantamento do censo do IBGE (2000), é de 642.059 habitantes, representando 6,30% do total do estado do RS. A população rural da região equivale a 22,89% (143.114 habitantes) enquanto 77,11 % (498.945 habitantes) encontram-se na área urbana. A economia, segundo aspectos sócio-econômicos dos municípios do RS 1991/1992, é baseada, principalmente, na agropecuária, varejo e beneficiamento, sendo que a participação no valor adicionado fiscal estadual está na faixa de 3,87%, tendo um PIB quase 40% menor que a média do Estado, e uma renda média per capita de US\$ 3.202,91.



Mapa do RS com demarcação dos municípios do COREDE Centro.

■ Região de abrangência do COREDE-Central.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



As técnicas de coleta de dados foram escolhidas conforme a necessidade particular de perceber, a partir dos profissionais que atuam no desenvolvimento de terapias, utilizando os espaços naturais e/ou atividades agropecuárias, quais os reais motivos que os fazem sair dos centros urbanos e dos consultórios específicos nas suas áreas de atuação profissional e irem para o espaço rural. Tendo em vista que “cada tipo de metodologia traz consigo um conjunto de pressupostos sobre a realidade, bem como, um instrumental composto por uma série de conceitos, pelo treinamento do olhar e por técnicas de observação da realidade” (Víctora *et alli*, 2000, p.33), entendemos as técnicas utilizadas como de extrema importância para o bom andamento do trabalho.

Desta forma, optamos por utilizar, inicialmente, os formulários para fazer um mapeamento das terapias desenvolvidas dentro do espaço rural da região central, delimitando assim os municípios em que deveríamos aplicar outro instrumento, este mais específico, para que pudéssemos obter informações minuciosas e precisas para a pesquisa. Este instrumento foi enviado por e-mail para a Emater¹ de cada município situado dentro da região central. Este recurso de coleta de dados nas pesquisas em ciências sociais, em geral, não é muito usado, mas devido ao número de municípios que deveríamos abarcar, os formulários tornaram-se úteis e diretos, pois, precisávamos de informações iniciais como a existência ou não de algum tipo de terapia, descrição de quais estavam situadas no estudo, e, também, caso existisse, a localização, o endereço e o nome da pessoa que poderíamos manter contato. O formulário era acompanhado por uma página inicial contendo os dados de identificação dos pesquisadores, instituição e algumas informações sobre a pesquisa, além de, uma breve explicação sobre as terapias. A segunda página trazia algumas alternativas de terapias que poderiam ser ofertadas no rural e um espaço para preenchimento dos dados referentes ao local, se existisse. Este instrumento foi construído com pouco volume de conteúdo para que fosse, facilmente, respondido e enviado a nós, posteriormente, e, de fácil compreensão para que, independente do grau de instrução da pessoa encarregada no órgão público de respondê-lo, tivesse condições de entendê-lo.

Na seqüência, utilizamos as observações como outra técnica de coleta de dados, realizadas, geralmente, no dia em que conhecíamos o sujeito da pesquisa, e que foi válido para descrever a realidade física de cada local e de certas manifestações que não foram mencionadas durante as falas dos sujeitos.

Então, o último instrumento que utilizamos nesta pesquisa foi a entrevista semi-estruturada, utilizada para descrever, a partir dos profissionais ou terapeutas, quais os motivos que fizeram com que estes profissionais fossem para o rural desenvolver terapias ou se utilizassem de atividades agropecuárias como prática terapêutica. Optamos pela utilização de entrevistas semi-estruturadas, ou pautadas, denominações usualmente encontradas na literatura, por elas nos proporcionarem, inicialmente, através de perguntas não imutáveis a possibilidade de ter uma noção geral dos diferentes tipos de terapias desenvolvidas no rural, bem como uma primeira aproximação dos profissionais com o objetivo principal deste estudo, além de conhecer a forma de trabalho, a maneira como o conhecimento foi adquirido, a clientela atendida e as problemáticas tratadas.

¹ - Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural.

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

Para que pudéssemos retratar da maneira mais fiel possível utilizamos durante as entrevistas, como recurso para registrá-las, um gravador e fitas k7. Mas, devido às fitas não serem de alta durabilidade, passamos a uma etapa posterior, ou seja, as fitas foram transcritas em sua totalidade, para depois serem utilizadas na análise dos dados, permitindo assim, guardá-las por um maior período de tempo.

4. Descrição da coleta de dados

Inicialmente, enviamos formulários a todos os escritórios da Emater de cada município que está localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul (COREDE-Central), como foi anteriormente descrito. Os contatos com os escritórios de cada Emater começaram no mês de janeiro de 2005, mas para que recebêssemos o retorno de forma eficiente, entramos em contato com o Sr. Paulo Ramon Pedrazzi, Engenheiro Agrônomo da EMATER/RS-ASCAR e coordenador executivo do CIEPER - Centro Integrado de Ensino Pesquisa e Extensão Rural, que tem como objetivo "propor, coordenar, acompanhar, sistematizar e/ou divulgar os trabalhos e resultados da ação conjunta da EMATER/RS-ASCAR e UFSM² na área de abrangência comum das duas Instituições, que visem contribuir para a promoção do desenvolvimento rural sustentável e da melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares e suas organizações", cuja sede está situada na própria Universidade Federal de Santa Maria. A partir deste momento, passamos a ter maior credibilidade dentro das agências que estavam recebendo os formulários.

Os formulários foram enviados em duas etapas: a primeira foi no mês de janeiro quando os funcionários e técnicos de cada Emater tiveram um prazo de quinze a vinte dias para responderem as questões e retornarem-nos via internet novamente. A segunda etapa foi o reenvio dos formulários aos municípios que não responderam no primeiro prazo, tendo estes mais quinze dias para respondê-los. Dos trinta e cinco municípios, apenas onze enviaram resposta, que são os seguintes: Agudo, Cerro Branco, Dona Francisca, Dilermando de Aguiar, Ivorá, Nova Esperança do Sul, Nova Palma, Novo Cabrais, Mata, Toropi e São Sepé.

Destes municípios apenas Ivorá tem um estabelecimento no espaço rural que desenvolve algum tipo de terapia. Desta forma, começamos averiguar a partir de outros meios, como propagandas da região vinculadas aos meios de comunicação, emissoras de televisão, rádio e jornais, indagando pessoas oriundas dos municípios envolvidos na pesquisa, entre outros. Esta procura informal de dados surtiu efeito, pois encontramos reportagens no Jornal Diário de Santa Maria a respeito de determinados locais que realizam práticas terapêuticas, também por uma emissora de rádio local (Nativa FM), situada na cidade de Santa Maria, que freqüentemente emitia informações sobre uma chácara terapêutica, com fins de descanso e lazer, na cidade de Silveira Martins. Em reportagem vinculada pela RBS TV, emissora local de televisão, a mesma destacou um local de reabilitação para dependentes químicos localizado no município de Santa Maria o qual não tínhamos conhecimento e não fora aventado anteriormente.

Além das informações específicas, encontramos locais que estão situados fora da região de abrangência do Corede-Central que desenvolvem atividades terapêuticas, tanto ligadas à forma médica oficial, como às práticas paralelas de cura.

² Universidade Federal de Santa Maria



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Devemos considerar de extrema importância em nossa pesquisa o fato de que as pessoas ao terem maiores esclarecimentos sobre o tema abordado, geralmente, tinham conhecimento de algum lugar que realizasse práticas terapêuticas no espaço rural. Ou, no momento em que íamos conhecer uma comunidade terapêutica, os próprios profissionais tinham o conhecimento de terapias desenvolvidas em outros locais.

Não foi possível localizar e identificar todas as entidades/comunidades terapêuticas apenas com o instrumento de pesquisa (formulário) escolhido, inicialmente, para mapear a região. Assim, garimpamos as informações lentamente, algumas delas, somente tivemos conhecimento quando estávamos no momento da pesquisa de campo, e, talvez, se esperássemos para reunir todos os dados, despendêríamos de um tempo bem maior do que o esperado e, ainda assim, poderiam faltar informações.

As entrevistas e transcrições foram realizadas no mês de junho e julho, sendo, primeiramente, marcada a visita ao local, e a entrevista não necessariamente ocorreu no mesmo dia da observação. Em alguns locais o acontecimento era inverso, pois em certos casos existiam regras de visitação e horários em que poderíamos estar junto aos pacientes. Em outras situações, a recepção pôde ser feita em qualquer hora, inclusive no momento do desenvolvimento da terapia.

Ao finalizar as entrevistas, começamos a análise dos dados, com um material extremamente rico de informações, que nos possibilitou ir além do esperado, trazendo questões atuais da nossa realidade e a compreensão de fatos esquecidos pela sociedade.

No conjunto dos 35 municípios da região central do Rio Grande do Sul investigados foram identificados nove estabelecimentos, localizados em sete municípios diferentes, que desenvolviam algum tipo de terapia com base em atividades agropecuárias e atributos dos espaços rurais. Os nove estabelecimentos foram classificados em três modalidades diferentes de práticas terapêuticas, sendo elas:

(1) *Comunidades Terapêuticas* para a reabilitação e reinserção social de pessoas dependentes de substâncias psicoativas, quais sejam, a Comunidade Terapêutica Poder Superior, no município de Jarí; a Comunidade Terapêutica Desafio Jovem, situada no Distrito de Jaguarizinho, em Jaguari; a Comunidade Terapêutica Fazenda Senhor Jesus, no município de Ivorá; a Fazenda de Desintoxicação Desafio Jovem, em Itaara e a Comunidade Terapêutica Centro RETO, em Santa Maria.

(2) *Centros de Equoterapia* voltados ao atendimento de pessoas com necessidades especiais e/ou problemas físicos e motores, com o propósito de educação e reabilitação e melhora na qualidade de vida dos praticantes, quais sejam, o Centro de Equoterapia Equilíbrio, no município de Santa Maria; o Centro de Equoterapia da UFSM, no Parque de Exposições da Universidade Federal de Santa Maria além do projeto de Equoterapia da Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim José da Silva Xavier, no Distrito de Val de Serra, do município de Júlio de Castilhos.

(3) *Terapias de Energização* voltadas a um público amplo, com a intenção de proporcionar o descanso físico e mental dos visitantes através de práticas esotéricas e contato direto com a natureza denominada Chácara Santa Eulália, no município de Silveira Martins.

5. Comunidades Terapêuticas

Todas as Comunidades Terapêuticas tem o trabalho ligado ao campo ou a utilização dos recursos naturais como parte de um processo no tratamento para a dependência, seja ela mais explícita em alguns centros, ou menos usual em outros. O importante é a relação direta



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



da natureza com o trabalho terapêutico desenvolvido no espaço rural, e que para este ter outras dimensões, necessitaria de outros recursos, para ser desenvolvido na cidade. A natureza passa a imprimir suas qualidades ao rural, oferecendo novas formas de entendimento sobre este espaço à população urbana, que cada vez mais se preocupa com as crises ambientais, preservação de matas nativas, poluição dos recursos hídricos, acarretando desta forma, a atribuição de noções positivas à natureza.

Posteriormente às visitas e entrevistas realizadas nas comunidades terapêuticas, consideramos que elas têm a intenção de fazer com que os dependentes de substâncias psicoativas retomem sua vida anterior, a partir de um tratamento que engloba regras da vida diária, religiosidade, afastamento de locais que proporcionam o uso de drogas, além do envolvimento diário com trabalhos desenvolvidos de forma semelhantes ao de uma fazenda, os quais são discutidos no final do dia, e comparados com a maneira que as coisas ocorrem, espontaneamente, na natureza e na vida humana. Este tipo de depoimento nos foi mencionado em praticamente todas as comunidades terapêuticas para a reabilitação de dependentes químicos.

Podemos constatar que as terapias para dependentes químicos no rural têm o objetivo de reabilitar pessoas, e, aos poucos, vêm tomando maior espaço, sendo procurada por familiares desesperados, na busca de amenizar o sofrimento tanto do dependente quanto das pessoas que o rodeiam sendo que, a divulgação das comunidades terapêuticas ocorre através destas pessoas que obtiveram bons resultados e levam aos demais o trabalho que é desenvolvido.

Eu justifico a prática terapêutica nesse local, por conhecer muita gente que foi para lá uma situação extremamente ruim e hoje se encontra muito bem, ou seja, pessoas que passam por um centro de recuperação e fazem uma reciclagem humana, depois ela vai buscar o curso natural de sua vida, usando sua inteligência, sua condição sócio-econômica, porque a gente apenas auxilia essas pessoas a retomar o rumo de suas próprias vidas (Entrevistado C).

Desta forma, esta justificativa condiz com as expectativas que a sociedade almeja, ou seja, que as pessoas que residem nas comunidades terapêuticas retornem à sociedade para desenvolver o curso natural de suas vidas, retomando o trabalho, os estudos, a família, enfim, suas responsabilidades antes abandonadas por consequência do vício. Muitas das atividades e formas de administrar e coordenar as comunidades terapêuticas são semelhantes, seguem um mesmo procedimento, mas dentro do universo de atividades e conceitos, elas têm suas particularidades que as fazem diferentes, inclusive na forma de recuperação, pois dependendo do tipo de enfoque dado à disciplina, à religiosidade e até mesmo ao contato familiar, fazem diferentes tipos de pessoas procurarem o local conforme melhor se adequarem.

Um aspecto pouco comentado durante todo o percurso de observações e entrevistas, mas de extrema importância à divulgação das comunidades terapêuticas, bem como, para o aumento do fluxo de pessoas com dependência que podem fazer uso deste tratamento terapêutico para sua recuperação, trata-se da Justiça Terapêutica, ou seja, uma lei que autoriza juízes a darem a opção a jovens infratores acusados por delitos sob efeito de substâncias psicoativas. Estes infratores, dependendo do crime e do juiz que está julgando a sentença, podem optar entre a chance de recuperação, indo para uma Comunidade Terapêutica ao invés



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



de ficar preso. Na grande maioria dos casos estes jovens preferem se adequar às comunidades terapêuticas e permanecer durante nove meses nas fazendas de recuperação.

Outra questão, somente mencionada durante a conversa com um dos entrevistados, e que chama a atenção, é a ausência de mulheres nas comunidades terapêuticas. Com exceção da Fazenda Terapêutica Desafio Jovem, de Itaara não existem mulheres internadas nas comunidades e, nem mesmo, como colaboradoras. A outra constatação está na falta de comunidades terapêuticas para mulheres na região central do RS.

Segundo este entrevistado, isto se explica devido ao fato de que às mulheres são mais “discretas” com o vício, ou seja, é muito raro encontrar mulheres, como no caso dos homens, nas ruas, em miséria total. Soma-se a isso o fato de que a reabilitação feminina é bem mais difícil. Em seu relato, o Entrevistado E, comenta sua percepção obtida durante o pré-estágio na Comunidade Terapêutica de Três Coroas, onde há uma ala para recuperação de mulheres dependentes de substâncias psicoativas, para ele as mulheres têm maior dificuldade de aceitação do tratamento, são mais vulneráveis à fuga, além de conseguirem enganar os monitores e coordenadores com maior facilidade a fim de saídas noturnas.

Em última análise, constatamos a necessidade, em grande parte das comunidades terapêuticas, de pessoas que se disponibilizem a auxiliar a comunidade terapêutica através de préstimos profissionais, financeiros ou até mesmo de solidariedade. Assim como já existem algumas pessoas que auxiliam as comunidades, os coordenadores e administradores salientam o convite para que mais pessoas façam visitas, palestras, e para desenvolvam trabalhos de assistência junto à comunidade, conforme suas áreas de atuação, tanto no que diz respeito ao auxílio psicológico, dentário, médico, etc.

6. Centros de Equoterapia

A partir do mesmo olhar com o qual nos debruçamos sobre as terapias descritas, anteriormente, partimos para a classificação, a qual se refere aos Centros de Equoterapia instalados na região central do RS, onde foram realizadas entrevistas em três locais, sendo que em dois deles, dois profissionais de cada estabelecimento foram entrevistados para dar uma melhor visão do trabalho e da própria equipe de terapeutas.

Esta categoria terapêutica é voltada à reabilitação de pessoas com necessidades especiais e/ou problemas físicos e motores, os quais são denominados de Centros de Equoterapia, devido à terapia ser realizada por um conjunto de terapeutas de diversas áreas do conhecimento e um cavalo, o qual pode ser denominado como co-terapeuta. O cavalo assume o papel principal na terapia, pois o diferencial deste tipo de tratamento está no contato com o animal e na sua andadura, a qual proporciona uma série de benefícios à pessoa em tratamento. Estes benefícios somente poderão ser sentidos se a equipe de terapeutas souber coordenar as sessões.

Os praticantes, pessoas que usufruem da terapia, devem ter um encaminhamento médico para freqüentá-la, sendo que as sessões ocorrem de uma a duas vezes por semana, com duração de 50 minutos. Inicialmente, o praticante passa por um processo de aproximação com o animal, para que se estabeleça um vínculo, e, para o conhecimento dos hábitos do animal, tais como alimentação, lugar onde vive, além de algumas técnicas de equitação e encilha. Posterior a este conhecimento inicial, o praticante está apto para a montaria. Toda a integração facilitará o trabalho terapêutico a ser realizado.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



O cavalo é, praticamente, o terapeuta, pois é dele que são recebidos os estímulos, e os profissionais que atuam junto na sessão fornecem alguns outros estímulos, como correção posturas, exercícios encima do cavalo, trabalhos pedagógicos, de acordo com a necessidade do praticante, e no final da sessão o praticante apeia do cavalo, as vezes, desencilha, tira o material, se despede do cavalo, então são atividades nesse estilo do qual o objetivo que o profissional tem com aquela pessoa (Entrevistado H).

Desta forma, existe uma interação contínua no trabalho desenvolvido pelo cavalo e ela equipe de terapeutas, pois a complementaridade para que a terapia seja efetuada corretamente, está a cargo dos profissionais, e não ocorreria sem a presença do cavalo.

No centro de Equoterapia Equilíbrio, no bairro Minuano, em Santa Maria, o trabalho terapêutico é realizado por uma equipe multidisciplinar, composta por nove profissionais, das áreas da Educação Especial, Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia e Fisioterapia. Desta forma, para que pudéssemos atingir melhor entendimento sobre a atuação e justificativas dos profissionais, entrevistamos uma educadora especial e uma psicóloga. O entrevistado H, profissional da área da Educação Especial está atuando no grupo há quatro anos, sendo que desde 2001 como estagiário, e como profissional desde o início de 2005. A outra experiência obtida em trabalho terapêutico foi a hidroterapia, através de um projeto na Universidade Federal de Santa Maria, o qual acontece no Centro de Educação Física, e, voltada a pessoas com necessidades especiais, com a realização de atividades dentro da piscina.

Foram realizadas observações e duas entrevistas no Centro de Equoterapia da UFSM, o qual está localizado em perímetro urbano, situado no Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Maria. No entanto, este local aproxima-se, caracteristicamente, do espaço rural, pois além de estar a 12 km da cidade de Santa Maria, tem uma grande área verde, muita tranquilidade, animais, espaço aberto e arborizado, e outros atributos que lembram um pequeno estabelecimento rural.

Uma das entrevistas foi aplicada ao Orientador de Equitação da Equoterapia da UFSM, em Santa Maria, chamado aqui de entrevistado J, o qual nos trouxe uma realidade diferente, ou seja, os motivos que levaram a desenvolver esta terapia foram especiais, pois um familiar do entrevistado tinha necessidades especiais, e confirmando os resultados positivos obtidos com o tratamento, decidiu então se unir ao grupo como orientador de equitação, já que era integrante da Brigada Militar.

O outro entrevistado foi o coordenador do projeto de equoterapia, entrevistado L, que começou a ser desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada pelo Centro de Educação Física da Universidade Federal da Santa Maria, no Laboratório do Desenvolvimento Humano. Este projeto oferece aos diversos cursos da área da saúde e da educação a experiência de trabalhar em um projeto de pesquisa e extensão, sendo que é necessário passar por uma seleção.

O Centro de Equoterapia Equilíbrio está localizado na Estância do Minuano, bairro Minuano, na cidade de Santa Maria. Esta estância está situada ainda em perímetro urbano por denominação da legislação municipal, mas, toda a paisagem do local a caracteriza como uma fazenda no espaço rural, seja pela própria chegada, que é de estrada de chão, pela dimensão do local em hectares, pela tranquilidade, ar puro, grande área verde, da estrutura das casas e das mangueiras de uma fazenda, entre outros aspectos diferenciais dos espaços urbanos mais povoados.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Quanto ao local de desenvolvimento desta terapia, é relatada, pelo Entrevistado H, a dificuldade em ser realizada em lugares que não sejam afastados da cidade e com pouco espaço físico, já que o próprio local é um fator positivo à terapia, abrindo um leque de possibilidades de trabalho junto ao praticante.

A equoterapia poderia ser desenvolvida em um local menor, mas seria bem difícil devido o porte do animal utilizado exigir um espaço físico maior, mas, principalmente, porque a terapia, a sessão se dá, basicamente, com o cavalo andando, com o praticante montado, basicamente a monta, esse aspecto que eu falei de aproximação antes e visitas de baias, e coisas assim, acontecem também, de acordo com a necessidade e o principal aspecto é a monta, então tu precisas de um espaço variado, amplo para realizar essa monta. E no decorrer dela, tu vais explorando o ambiente em que está realizando a terapia, por exemplo, num trabalho mais pedagógico que é o caso da educação especial que a gente desenvolve, trabalha coisas tais como as cores, formas, organização espacial, coisas encontradas no meio natural, o recurso natural, então tu precisarias desse espaço, e ficaria difícil desenvolver a equoterapia, a não ser que tenha um espaço bem amplo e rico, pois a riqueza que o local oferece não sei se encontraria dentro de um espaço urbano (Entrevistado H).

Os recursos naturais são utilizados freqüentemente para a complementação do trabalho terapêutico, pois este, além de tentar reabilitar pessoas para o convívio social, tem características educacionais e psicossociais, os quais são explorados a partir de outros cavalos, árvores, açudes, usufruindo destes elementos para trabalhar a diferenciação de cores, os movimentos sensório-motores, a atenção, entre outras questões essenciais para o desenvolvimento humano.

A Equoterapia Equilíbrio não é filantrópica, e sim particular, formada através de uma associação de profissionais, e são colocados determinados valores por sessão. Dependendo de quantas sessões por semana são realizadas por um praticante, o valor é estabelecido. Além dos convênios com a prefeitura, através da associação Colibri, que é uma associação para crianças especiais, e para a Escola Pão dos Pobres. Além do que, um dos praticantes está desenvolvendo a terapia através de um convênio estabelecido com os Correios. Embora esta seja de cunho particular, a clientela não é suficiente para a manutenção de todas as despesas, já que é necessário ter um funcionário, o qual é morador do local, para cuidar dos animais e as despesas com o local, tendo em vista que a Estância do Minuano é um clube, uma associação tradicionalista, onde são pagas mensalidades, para ser sócio do clube e poder utilizar o local, e também um determinado valor mensal do aluguel das baias, assim como os demais sócios do clube.

Embora os profissionais tenham dificuldade em manter o desenvolvimento da equoterapia por ter um custo alto, em nenhum momento foi mencionada a paralisação do trabalho. Assim, entendemos que estes profissionais devem valorizar, imensamente, esta forma de terapia, pois no momento atual de crise em que vivemos, desenvolver um trabalho que financeiramente não traz lucros, deve ser, realmente, gratificante e satisfatório em outros sentidos.

Já no Centro de Equoterapia da UFSM, as crianças são atendidas gratuitamente, com os subsídios vindos das aulas de equitação que são oferecidas no local, as quais servem para a manutenção dos cavalos e demais gastos necessários. O princípio do trabalho é pensado a partir da valorização do ser humano, principalmente da pessoa com necessidades especiais,



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



proporcionando aos praticantes condições de socialização, melhora da auto-estima, da convivência, e da integração em grupos.

A equoterapia tem sido adotada por um número cada vez maior de pessoas, conforme Entrevistado L, pautado nas seguintes idéias: a primeira está na possibilidade vista pelo praticante de um passeio, a saída da rotina diária para fazer outra atividade ao ar livre; a segunda possibilidade está pautada no encontro de um grupo de amigos, ou seja, a socialização. A terceira vincula-se ao encontro com os animais, visto que após certo período de tempo ocorre um apego do praticante com o cavalo e com os demais animais que são vistos geralmente somente durante as sessões de equoterapia. E uma quarta relação que seria a despedida, no momento de retornar para casa, obrigado a se afastar de diversas coisas que o praticante gosta, aprendendo assim a lidar com as perdas, dificuldade muito grande salientada nas pessoas com necessidades especiais devido à proximidade com os familiares.

A última entrevista foi aplicada junto ao profissional de Educação Especial, entrevistado M, da Equoterapia da Escola Estadual de Ensino Fundamental Joaquim José da Silva Xavier, na localidade de Val de Serra, pertencente ao município de Júlio de Castilhos. Esta equoterapia é desenvolvida através de um projeto, mas está vinculado à escola. A realização apenas de uma entrevista ocorreu devido ao número de profissionais que atuam na terapia ser menor do que os descritos acima, tendo apenas como terapeutas o entrevistado, uma psicóloga e um professor de educação física.

A natureza é percebida como parte integrante da terapia, justificando que esta tem outros sentidos além da reabilitação motora, onde são buscados elementos através do contato com a natureza, levando o praticante a conhecer e estabelecer relações com diferentes instrumentos de trabalho, ou seja, o entrevistado H nos explicou que ao invés de utilizar materiais artificiais para desenvolver estímulos no praticante, utilizam o toque no pêlo do animal para perceber a textura, sensações de calor e frio, reconhecimento do próprio corpo percebendo o corpo do animal, além de estar tratando com um ser vivo, o qual merece uma atenção diferenciada dos objetos que são trabalhados dentro de salas de apoio.

Conforme Entrevistado H, esta terapia tem um diferencial das demais, pois além de proporcionar benefícios ao praticante, os próprios profissionais que desenvolvem a terapia são beneficiados através da tranquilidade encontrada no rural, e nos momentos propiciados em sair da cidade e ficar durante um turno em um lugar que possibilita um reencontro com a natureza.

Tem em primeiro lugar, o fascínio pela terapia, justamente por ela ter um diferencial das outras terapias, de acontecer em pleno contato com a natureza, assim em local ao ar livre, esse foi meu principal interesse, do bem que ele proporciona para as pessoas que tem necessidades especiais, e por se dar através do cavalo, que eu acho ser esse o ponto mais fascinante, e o que ele proporciona não só com o passo dele, mas com o vínculo que ele estabelece com os praticantes: da sensibilidade, da confiança, da auto-estima que ele acaba contribuindo. Mas, para mim, acaba sendo também uma espécie de terapia, por eu sair do meu espaço urbano e ir para lá lidar com os cavalos e todo esse espaço, tem esse lado, comento com as colegas de trabalho e percebo que isso é geral também, é um trabalho prazeroso, sem dúvida nenhuma(Entrevistado H).

A própria concepção de natureza descrita no relato de entrevistado J, remete à idéia de constante relação entre natureza e/ou rural, através das falas que se referem às árvores, animais, plantas, tranquilidade, espaço amplo, verde dos campos, e, especialmente, com a



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



romantização da natureza, como um lugar privilegiado, o qual torna-se possível chegar o mais próximo de uma idealização, a qual pode nos oferecer abrigo, alimento, enfim, uma série de qualidades que são inigualáveis a qualquer outro local.

A concepção de natureza... é um local maravilhoso que Deus nos permitiu, nos deu todo esse ambiente maravilhoso, ele faz com que a gente aprenda a respeitá-lo, a gente aprenda a querer conviver cada vez mais com o meio ambiente e com as pessoas que se aproximam dele isso é importantíssimo para nós todos. A natureza é tudo na verdade. Sem as árvores nós não respiraríamos, sem alimento nós não viveríamos, sem abrigo, sem calor... É tudo, envolve tudo. A importância disso tudo é que eu também faço parte, sou um elo da natureza e se eu me sinto importante nessa direção, vou saber valorizar o que eu tenho e preservar principalmente para os outros. A natureza para mim é isso, se eu fosse explicar de uma outra forma talvez nem saberia (Entrevistado J).

Este retorno à natureza vem sendo buscado por uma porção cada vez maior de pessoas, as quais vislumbram no rural as características e propriedades desejáveis dos espaços contemporâneos como um refúgio para o stress do cotidiano urbano. Esta concepção nos remete ao início do século XIX: “o gosto romântico pela natureza silvestre levou a um sentimento de repugnância pela interferência humana. A tentativa de aperfeiçoar a natureza na verdade destruída, mesmo no ajardinamento paisagístico” (Sheldrake, 1991, p. 72).

Quando falamos em pessoas, fazem parte deste grupo, todos os que já estiveram em terapias de recuperação, de reabilitação, hotéis-fazenda, pesque-pagues, pousadas, colônias de férias, fazendas terapêuticas, etc. Entendemos que consciente ou inconscientemente, ao procurarem locais afastados da cidade, elas têm intenções de encontrar uma maior tranquilidade, ar puro, menos poluição, e uma série de sentidos que atribui aos espaços abertos e naturais.

7. Terapia de Energização

A chácara Santa Eulália, no município de Silveira Martins, diferente das abordagens anteriores, está direcionada a outro público, ou seja, este local foi desenvolvido com o propósito de desenvolver uma terapia com viés turístico, tendo a finalidade de descanso mental e físico. Ela está realizando este tipo de trabalho a oito anos, acontecendo junto a uma visita turística a parte mística, como o proprietário da chácara, Entrevistado G, como preferimos denominá-lo. A parte mística do local está em pleno contato com a natureza, e tem como meta a proximidade do homem com a natureza, buscando levar em conta a existência de um ser superior, “o qual acreditamos e chamamos superior no Universo que é Deus, e está presente na natureza” (entrevistado G).

Esta chácara possui fins lucrativos através do turismo e lazer, tendo o propósito de proporcionar o máximo de tranquilidade, rodeada por animais e plantas, faz com que os visitantes se sintam inteiramente em paz e aliviados da tensão urbana. Na programação diária destacam-se a utilização de atividades agropecuárias, estas são consideradas como funções exercidas no local que podem ser vistas e realizadas pelos visitantes.

A estratégia de marketing produzida está alicerçada tanto nas crenças religiosas quanto na espiritualidade presente em todas as etapas do passeio, onde são contadas histórias cercadas de magia, assim como no encontro da energização transmitida pelos elementos naturais do local. Neste sentido, constatamos que o proprietário tem a intenção de atingir uma variedade



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



de pessoas que possam visitar a chácara e sentirem-se à vontade, independentemente de religião ou crença.

Posteriormente à visita, os turistas relatam terem encontrado muita paz, “a primeira coisa que eles dizem é ‘que paz’, ‘que paz’, pelo amor de Deus, que troço, que coisa mais linda, que paz, e eu acho que somente um local ligado à natureza que nós temos dá estas condições, senão não dá” (Entrevistado G).

Os motivos pelos quais o proprietário do local considera a Chácara Santa Eulália um espaço terapêutico estão ligados, primeiramente, a transmissão de paz, amor, tranqüilidade, e, a crença de que lá é possível estar mais próximo de um Ser Superior. Podemos vincular as noções atribuídas ao terapêutico com o imaginário, pois o entrevistado se refere à natureza através de valores idealizados, passíveis de modificar, por um determinado período, a vida das pessoas que freqüentam o local. O contato com um ambiente puro, sem as atribuições da cidade, nos confirma a idéia de que existe por parte dos profissionais que desenvolvem as práticas terapêuticas um sentido valorativo sobre o rural.

A justificativa de determinada prática terapêutica, a qual é efetuada através do contato com a natureza e os símbolos encontrados no local, conforme o entrevistado G, acontece de forma natural e espontânea, trazendo a concepção de que a vida na cidade é lembrada pelos perigos que a cercam. A necessidade de viver rodeado de segurança, presos nas próprias casas através das grades, e os sentimentos de agressividade e tensão gerados a partir da vida urbana, alimenta, segundo o entrevistado G, a idéia de que daqueles que vivem no campo ou têm a possibilidade de usufruírem de lugares naturais são privilegiados.

Eu não justifico a prática terapêutica, ela acontece. A convivência do homem com a natureza, em qualquer lugar, não é privilégio meu, é de todos que vivem no campo. Tira o homem do campo, bota ele na cidade e ele vira um selvagem. Ele se destrói. Os próprios animais, tu corrompe a natureza. Eu acho que nós vamos ter que retornar a amar a natureza, porque senão nós vamos desaparecer nessa encrenca diabólica que está isso aqui. E senão tu vai seguir vendo o que tu estás vendo aqui, que para sair da minha casa precisa de um monte de chaves, de uma porta, de uma grade, de uma porta... (Entrevistado G).

A comparação feita pelo entrevistado sobre a selvageria do homem ao viver na cidade está relacionada com as inúmeras atitudes de violência vivenciadas, diariamente, através dos meios de comunicação, da visibilidade de pessoas se degradando nas ruas, e, até mesmo, da própria violência sobre nós, o quanto devemos estar sempre em alerta quanto aos perigos que podemos sofrer ao sair nas ruas. Portanto, segundo G, a cidade nos traz a impressão de que estamos presos, que a nossa liberdade está restrita ao tamanho da casa ou apartamento em que vivemos, quando saímos das grades que nos rodeiam, estaremos correndo perigo na selva das cidades.

Assim, o contraponto entre o campo e a cidade está fortemente atrelado à discussão sobre o imaginário social, pois o rural e a natureza passam a ser percebidos como uma necessidade por parcelas da sociedade que buscam, nestes espaços, tranqüilidade, harmonia, paz, enfim, uma série de sentidos positivos que vão ao encontro das aspirações de camadas urbanas.

8. Considerações Finais



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Os sentidos para o uso de atividades agropecuárias e, do espaço rural, nas práticas terapêuticas, especialmente em comunidades que objetivam o tratamento de dependências químicas, vinculam-se a elementos ligados à internalização da disciplina por meio do trabalho manual, localização distante das tentações do vício, à religião e o seu sistema de crenças e aos atributos positivos e idealizados da natureza, como os espaços abertos e verdes, os animais, a paisagem e o ciclo de vida das plantas, que constituem um imaginário de tranquilidade, saúde e bem-estar. A disciplina, por exemplo, foi citada como uma das fontes que levam à reabilitação dos internos, através da reorganização da vida, sendo importante na medida em que possibilita aos internos condições de resistência às tentações do vício quando voltarem ao convívio social. O trabalho manual demandado pelas culturas agrícolas e afazeres em ambientes rurais (corte de grama, cuidados com animais domésticos, caminhadas etc.) cansa o corpo e ocupa a mente, desenvolvendo nos praticantes hábitos que desintoxicam o corpo e promovem mecanismos de fortalecimento da vontade e tenacidade, importantes para resistirem às recaídas na drogadição.

Já a importância que assume o caráter religioso nas comunidades terapêuticas pode ser entendido pela vinculação da doença à desordem, onde passa a ocorrer à necessidade de cura da dependência através de sentidos que levem o indivíduo a compreender e acreditar nos sintomas da doença e na sua cura por meio de uma explicação socialmente aceita, para além do mero drama individual, passando a ver a droga como um aspecto negativo, como uma manifestação do mal da qual é vítima, e cuja salvação está na fé em Deus, compartilhada e reciprocamente reforçada no âmbito do grupo. Além destes elementos, as concepções sobre a natureza, atribuído pelos profissionais ao rural, está repleto de simbolismos romantizados, valorizando as belezas paisagísticas e as amenidades ambientais como promotoras de descanso e lazer. A natureza é vista com toda uma aura positiva, dando ênfase aos animais e plantas como seres benéficos, cheios de pureza que têm condições de transmitir paz e harmonia aos humanos. Esta idealização assemelha-se às concepções da Idade do Ouro, que remetia a características de fertilidade, bondade e harmonia entre animais e homens, fazendo com que não existissem doenças e nem discórdias nestes ambientes.

A ênfase dada no decorrer da pesquisa sobre a noção de natureza descrita na literatura facilitou fazermos um paralelo a respeito do que é concebido e o que o imaginário dos entrevistados nos permite perceber como natureza, denotando uma amplitude em relação as falas dos sujeitos e uma caracterização romantizada do que vem a ser a natureza. Assim, tanto no que tange as idéias da enciclopédia, classificando a natureza como um conjunto de coisas físicas, ou como reino natural, os entrevistados identificam-na para além destas noções, ou seja, adjetivam estes aspectos físicos, delineando um universo de sentidos sobre a natureza que é bem maior que o encontrado nos livros.

Desta maneira, os valores simbólicos sobre o espaço rural são vistos e valorizados através dos elementos da natureza, os quais são essenciais à vida, ou seja, a terra, a água, o ar puro, as áreas verdes, recebendo significados que ultrapassam a sobrevivência, atingindo um poder de cura através das energias positivas e da sua própria constituição vista como perfeitamente harmônica. Através destes sentidos é que grupos sociais têm se envolvido no uso do ambiente rural e de atividades agropecuárias para práticas terapêuticas.

A palavra terapia tem tido um uso extremamente amplo atualmente, sendo utilizada em diversas áreas do conhecimento como tivemos a oportunidade de verificar, ultrapassando os campos da medicina e ampliando seus horizontes a partir da psicologia, educação, saúde



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



em geral, etc. Desta forma, as terapias adentram, a cada dia, os campos da vida cotidiana, mostrando-se através de inúmeras possibilidades ligadas a saúde, lazer, energias positivas, natureza. Podemos destacar aqui a mídia como uma das principais contribuintes para este processo, pois ao olharmos os jornais, revistas e TVs, temos acesso a informações sobre as mais diversas terapias.

A literatura descreve as terapias como uma alternativa de tratamento e cura de diversos tipos de doenças, que em muitos casos, substituem a medicina convencional, como no caso da equoterapia, bem como, das terapias de energização. Ao nos depararmos com a realidade, percebemos que as terapias que tratamos na pesquisa são diferentes das usualmente encontradas nos livros, são terapias que surgiram para dar amparo aos problemas pós-modernos do final do século XX e início do século XXI, e que acabaram formando novas categorias de “doenças”, se assim podemos chamar o uso de drogas; ou mesmo os sintomas do stress, causados pela grande quantidade de afazeres cotidianos e volume de informações instantâneas que poluem nossas mentes até o ponto de saturação.

As terapias que vêm ao encontro das práticas ditas naturais de vida relacionam-se com diferentes formas de vivência pessoal e saberes para se obter a cura. Esta concepção, baseada na experiência pessoal vivida e da natureza como contingente de energias purificadoras, tem sofrido críticas por parte dos agentes dos conhecimentos médicos modernos, que tomam como parâmetro ideal o conhecimento científico convencional. Tal processo gera confrontos entre as concepções e práticas presentes nas comunidades terapêuticas e as clínicas de recuperação de dependentes químicos pautadas exclusivamente pela ciência médica convencional, muito centrada na medicação química dos pacientes.

Embora o número de entidades e estabelecimentos que ofertam serviços de práticas terapêuticas similares aos estudados nesta pesquisa venha crescendo, recentemente, pode-se dizer que muitos profissionais das áreas afins e grande parte da sociedade em geral não estão ainda, suficientemente, informados a respeito, e, portanto, diversos profissionais da área da saúde não recomendam ou encaminham seus pacientes a estes tratamentos terapêuticos, como complementar ou auxiliar à medicação que está sendo realizada em consultório, devido à falta de conhecimento da legalidade do tratamento e, principalmente, de sua eficiência. Desta forma se enquadra o caso das Comunidades Terapêuticas de desintoxicação e reabilitação de pessoas com dependência de substâncias psicoativas, que está regulamentada e denominada como Justiça Terapêutica, onde nos deparamos com o mesmo problema que ocorre com os centros de equoterapia, ou seja, a falta de credibilidade ou conhecimento por parte dos juízes sobre esta legislação, já que apenas uma parcela mínima de pessoas são encaminhadas para estes centros de recuperação, promovendo ainda mais o processo de superlotação das prisões brasileiras.

A respeito da temática aqui estudada, existe ainda um vasto campo a ser analisado, pois a pesquisa possibilitou, a partir da delimitação explicitada no decorrer do trabalho, analisarmos apenas alguns ângulos da questão, pois o trabalho revestia-se de um caráter exploratório, que não se finda apenas em uma pesquisa, podendo ser retomada em outros patamares e dimensões e ser relacionado com diversas áreas do conhecimento. Como exemplo, podemos mencionar a questão referente à religião presente nas terapias, a qual não foi muito aprofundada neste trabalho, mas que pode ser explorada a partir de uma bibliografia e análise mais ampla e profunda. Os aspectos religiosos podem suscitar temáticas de estudo



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



específico, pois a complexidade deste assunto faz emergir muitas discussões pertinentes à atualidade.

Por fim, a temática de estudo, aqui enfocada, permite dimensionar aspectos que apontam perspectivas para um novo olhar sobre o rural e seu papel múltiplo nas sociedades contemporâneas. As transformações que vêm ocorrendo no rural não são, somente, reflexos da necessidade de modernização do espaço rural em si, mas, também, das mudanças advindas dos modos de ver e se relacionar com a natureza, e da construção social de imaginários e crenças que a cultura contemporânea produz.

9. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Jalcione, NAVARRO, Zander (org.). **Reconstruindo a agricultura: Idéias e Idéias na Perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- BRANDÃO, Lenisa. **Equoterapia: uma análise da significância, persistência e complexidade das atividades**. Monografia de Especialização da UFSM. Santa Maria: UFSM, 1999.
- BRITO, Maria Cristina Anjos Guimarães. **Minha caminhada II, Equoterapia – Cavalgar é preciso**. Salvador: Oiti, 2000.
- CARNEIRO, M J. **Ruralidade: Novas Identidades em Construção**. In: Estudos, Sociedade e Agricultura. nº 11, outubro, 1998.
- EHLERS, Eduardo. **Agricultura Sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma**. 2º ed. Guaíba: Agropecuária, 1999.
- FROEHLICH, José Marcos. **Rural e Natureza: a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado da UFRRJ. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2002.
- _____. **Gilberto Freire, a História Ambiental e a ‘Rurbanização’**. In: História Ciências Saúde – Manginhos. Rio de Janeiro: Fiocruz, v 07, nº 02, 2000.
- _____. **A crítica da Sociologia Rural Tradicional e a Busca de Abordagens Contemporâneas para um Espaço Agrário**. In: Extensão Rural. Santa Maria: CPGEExE / UFSM, v. 02, nº 02, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **O Novo Rural Brasileiro**. 2. ed. Campinas: Unicamp - IE, 1999.
- _____. **O que Há de Realmente Novo no Rural Brasileiro?**. Cadernos de Ciência e Tecnologia, Brasília, v. 19, n. 1, p.37-67, jan./ abr. 2002.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- SCHNEIDER, Sergio. **Ocupação na força de trabalho na agricultura gaúcha: uma análise a partir da pesquisa rural da EMATER/RS de 1992**. Revista extensão Rural. Ano VI. CCR: UFSM, 1999.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A emergência de uma Nova Ruralidade nas Sociedades Modernas Avançadas – O Rural como Espaço Singular e Coletivo**. In: Estudos Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, nº 15, outubro, 2000.